

**TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO**

**ONCE
UPON A TIME...**



11 DEZEMBRO 2020

SEX 19:00

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

ONCE UPON A TIME – A VERDADE SECRETA

CLUBE DE TEATRO SUB-88

TEXTO **EMÍLIO GOMES** COM A COLABORAÇÃO DOS INTÉRPRETES
DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO **EMÍLIO GOMES, NUNO M CARDOSO**
ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO **INÊS GUEDES PEREIRA**

INTERPRETAÇÃO

ALBERTINO PINTO, ALEXANDRA MENDES, ANA AMARO,
ANA MARTA LOPES, ANA PAULA SILVA, ARMINDA GONÇALVES,
BÁRBARA MACHADO, CAROLINA GOMES, CÉLIA VIEIRA,
CRISTINA BRAGA, FÁTIMA FONSECA, FLORBELA FERREIRA,
INÊS GUEDES PEREIRA, INÊS SINCERO, ISABEL FURTADO,
ISABEL MARCOLINO, JOÃO FERNANDES, JOAQUIM M MARTINS,
LA SALETTE MOREIRA, LUÍSA SANTOS, MANUELA RIBEIRO,
MÁRCIA GOMES, MARGARIDA PEREIRA, MARIA ALICE SOUSA,
MARIA CONCEIÇÃO PINTO, MARIANA VILAÇA, MARTA PIMENTA,
NUNO COSTA, PEDRO HENRIQUE, SARA FERNANDES,
SÉRGIO NOGUEIRA, SÍLVIA SENA, SORAIA SOUSA, TOMÉ PINTO,
VÂNIA VILLAS BOAS, VÍCTOR RODRIGUES

DESENHO DE LUZ
ADÃO GONÇALVES

COORDENAÇÃO
CENTRO EDUCATIVO

PRODUÇÃO
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

DUR. APROX.

1:15

M/12 ANOS

13 DEZEMBRO 2020

DOM 11:00

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

ONCE UPON A TIME – AMOR EM TEMPO DE PANDEMIA

CLUBE DE TEATRO SUB-18

TEXTO E ENCENAÇÃO **EMÍLIO GOMES**
ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO **INÊS GUEDES PEREIRA**

INTERPRETAÇÃO

BEATRIZ KERRIGAN, DIOGO GARCIA, FRANCISCA MENA,
INÊS EURÍDICE, LEONOR LEITÃO, MARIANA HAETTICH,
MIGUEL MARINHO, PEDRO MARQUES, RITA RUANO,
SANTIAGO MATEUS, SOFIA GUERRA,
SOFIA SERAPICOS, SOPHIA SZREK



FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA LUÍSA CORTE-REAL, TERESA BATISTA, CARLA MEDINA, INÊS GUEDES PEREIRA (A CUMPRIR ESTÁGIO DE MESTRADO EM TEATRO – RAMO DE ARTES PERFORMATIVAS, AO ABRIGO DO PROTOCOLO ENTRE O TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO E A ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA) | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA PEDRO GUIMARÃES | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, MARCELO RIBEIRO, NUNO GONÇALVES | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOAQUIM MARQUES, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA | SOM JOEL AZEVEDO, ANTÓNIO BICA | VÍDEO FERNANDO COSTA

APOIOS TNSJ

 

APOIOS À DIVULGAÇÃO

     

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

EDIÇÃO DEPARTAMENTO DE EDIÇÕES DO TNSJ

COORDENAÇÃO FÁTIMA CASTRO SILVA
FOTOGRAFIA JOÃO TUNA
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO SERSILITO – EMPRESA GRÁFICA, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante os espetáculos.
O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



Uma viagem guardada na memória

Once Upon a Time... costuma ser o rastilho de uma história. Neste caso, é também o seu remate. Para contar esta história em particular, a dos Clubes de Teatro Sub-18 e Sub-88 do Teatro Nacional São João e dos espetáculos que cada um agora estreia no seu palco centenário, juntaram-se a coordenadora do Centro Educativo LUÍSA CORTE-REAL, os orientadores NUNO M CARDOSO e EMÍLIO GOMES, os representantes dos Sub-18 e Sub-88, RITA RUANO e PEDRO HENRIQUE, numa conversa moderada por FÁTIMA CASTRO SILVA.

FÁTIMA CASTRO SILVA Não é vulgar um tão longo curso temporal para Clubes de Teatro, para mais influenciado por uma pandemia que baralhou todos os dados, a nossa relação com os outros, com o tempo e com o próprio teatro. Como é que cada um de vocês, coordenadores e participantes, vê este percurso?

LUÍSA CORTE-REAL Os Clubes de Teatro começaram em setembro de 2019. Estávamos a contar com um grupo de 20 pessoas e tivemos 60 inscrições para os Sub-88. Resolvemos dobrar a capacidade, mas ainda assim ficaram pessoas de fora. A ideia era que a duração fosse de três meses. Em janeiro deste ano, querendo dar continuidade ao trabalho e às expectativas dos participantes de aprofundarem competências, surge a vontade do Nuno Cardoso, o Diretor Artístico do Teatro Nacional São João, de alargar o período normal de trabalho dos Clubes de Teatro de modo a poder levar a cena um espetáculo no final do ano. Essa premissa de um espetáculo com o título *Once Upon a Time...* sempre se soube que iria acontecer. Se a composição dos Sub-18 permaneceu estável dentro dos 20 participantes, com os Sub-88 tivemos de fazer uma triagem: incorporámos as pessoas que tinham ficado de fora anteriormente e estabelecemos um critério de seleção o mais justo possível para as restantes. É de facto um período longo de atividade semanal extra, que todos tiveram de acomodar nas suas vidas diárias. Estes dois Clubes, coordenados um pelo Emílio Gomes e o outro pelo Nuno M Cardoso, começaram os trabalhos em janeiro, até que a pandemia surgiu.

EMÍLIO GOMES Os Sub-18 tinham tido já uma experiência no início de 2019 e algumas pessoas vêm inclusive desse grupo. Quanto à metodologia, no último trimestre desse ano o trabalho foi muito concentrado na improvisação, não houve sequer uma apresentação pública, apenas uma partilha das improvisações entre os participantes. De janeiro a março deste ano, os Sub-18 trabalharam sobre *Castro*, a par da encenação de Nuno Cardoso, culminando num pequeno espetáculo apresentado no dia 7 de março, dia do centenário do São João. Surgiu depois a ideia dos *Once Upon a Time...* em torno da obra de Shakespeare. Escolhemos textos para ambos os Clubes. No caso dos Sub-88, pegámos no trabalho anterior de improvisação e introduzimos alterações para construir cenas já com texto escrito, maioritariamente incorporando propostas dos participantes. Quanto aos Sub-18, o foco foram as improvisações, gravadas e partilhadas. Depois de uma troca de ideias, escrevi um texto a partir delas e da minha perceção do processo.

Após a apresentação de 7 de março, quando se decretou o confinamento, foi a perseverança dos participantes, do Centro Educativo e dos orientadores que permitiu que se avançasse. Nessa altura, eu nem sabia o que era o Zoom, para mim era um clube noturno aqui do Porto. [risos] Foi tudo um processo de adaptação. Como é possível fazer teatro se não estamos reunidos no mesmo espaço? Estar no Zoom não é teatro, é uma espécie de teleteatro. Só tínhamos ensaios por esta plataforma, com 20 ou mesmo 40 pessoas, e começámos a trabalhá-la como ferramenta: por exemplo, se desligássemos e ligássemos a câmara, podíamos criar uma espécie de saída e entrada de cena.

De março a junho, os Sub-88 trabalharam os últimos atos de obras de Shakespeare (*Hamlet*, *Noite de Reis*, *Rei Lear* e *A Tempestade*) e os Sub-18 sobre *Romeu e Julieta*, de que resultou a adaptação *Romeu e Julieta no Café*, partilhada em *streaming*. Resultou bem, mas não é a mesma coisa do que fazer teatro. Por isso é tão importante esta fase final de regresso ao palco. A proposta inicial do Nuno Cardoso era a de congregar os Clubes numa encenação que ele dirigiria. Tivemos por isso de dividir os participantes em grupos de dez, criando quatro grupos para os Sub-88 e dois para os Sub-18. Fomo-nos adaptando, porque se revelou impossível ao Nuno acompanhar o trabalho de todos os grupos. Nesta última fase, os Sub-88 pegaram nas personagens shakespearianas em que tinham trabalhado, trouxeram-nas para 2020 e para este tempo de pandemia, como os Sub-18 já tinham feito com *Romeu e Julieta*. Nas nossas conversas, o Nuno M e eu achámos que não fazia sentido esconder em palco o que estamos a viver este ano. O teatro também serve para refletirmos sobre o que está a acontecer. Quanto aos ensaios, é toda uma experiência nova. Obriga-nos a ter paciência com tudo e todos. Não estamos a trabalhar com atores profissionais, e os obstáculos são muitos, de ligações à internet que falham a uma gestão difícil entre participantes presentes e virtuais. Nos Sub-18, como eles dizem, eu sou um “ditador” [risos], a responsabilidade e as decisões são tomadas por mim. Nos Sub-88, temos uma liderança bicéfala e é mais complicado, porque temos de saber gerir vontades, mas para mim foi uma boa experiência. Eu e o Nuno M conhecemo-nos há bastante tempo e já trabalhámos juntos. Não sendo as nossas formas de trabalhar exatamente as mesmas, acho que a experiência foi benéfica tanto para nós como para os participantes.

PEDRO HENRIQUE Quando olho para este trajeto, lembro-me de uma conversa no TeCA com o Nuno Cardoso, que lançou as bases de um Clube de Teatro diferente. Acho que logo aí as pessoas se aperceberam de que não iriam apenas fazer uma perna no teatro, mas que se tratava de algo mais comprometido. Há duas coisas interessantes a assinalar. Para além de ex-alunos de teatro ou de pessoas que estavam a começar a estudar teatro, havia nos Sub-88 um conjunto de pessoas que já tinham uma relação muito próxima com o São João, mas de outras formas, quer por serem espectadores assíduos, terem trabalhado nas escolas ou assistido às Oficinas de Micropedagogias. Isso foi capitalizado de um modo muito interessante, ao ser-lhes dado um espaço para ativarem as suas competências nesta área. O segundo ponto interessante, visto agora de fora, é que o processo se fez de desafio em desafio. Fomos construindo personagens e situações, fizemos uma apresentação em março, e depois o confinamento tirou-nos a possibilidade de trocar impressões sobre a peça que tínhamos feito. Toda a gente estava sedenta de se encontrar, porque entretanto os Sub-88 foram criando amizades entre si. Quando o Zoom começa e nos é proposto fazer Shakespeare, confesso que tinha dúvidas, mas as coisas aconteceram e foi uma experiência única, porque nos apercebemos das condições que tínhamos. Alguns podiam a qualquer momento ficar sem internet e a confusão ser total, mas tudo tinha e tem de continuar. Agora enfrentamos mais um desafio: com ensaios em Zoom ou uma vez por semana, nunca sabendo se alguém ou um dos grupos tem de ficar em isolamento, como é que vamos apresentar este espetáculo no São João? As pessoas estão com muita vontade de superar este desafio, fechar um ciclo e agradecer todo o esforço e dedicação do Emílio e do Nuno M. É possível que, para o ano, quando abrirem novas inscrições, haja já um interesse por este espaço onde as pessoas sabem que se podem dedicar a uma atividade de forma séria e comprometida, vendo depois o resultado disso.

RITA RUANO Em setembro do ano passado, não estava à espera de que as coisas se tornassem no que são hoje. A base era a improvisação e a experimentação. Descartávamos muitas das nossas experiências, não houve sequer uma apresentação, e não havia tanto a noção de seriedade que agora temos. Quando apresentámos a peça em março, tê-la levado a palco começou a dar-lhe essa seriedade. Tomávamos como garantido o carácter presencial, nem o questionávamos. Quando entrámos em quarentena, fomos apanhados desprevenidos e foi doloroso para muitos de nós.

O tempo passou simultaneamente muito rápido e muito devagar. Muita gente estava a ficar desmotivada e por isso as sessões *online* foram uma salvação. Não se trata de teatro, mas é representação e, sendo num outro *media*, podemos experimentar de outras formas: desligar as câmaras, colocar fundos, criar o nosso cenário a partir de objetos quotidianos. Tivemos de ser muito criativos e ter muita paciência. Os ensaios *online* eram difíceis porque se perde a concentração facilmente estando em casa. A apresentação *online* foi um ponto positivo, porque alargou o número de pessoas que de outro modo não poderiam assistir. O anúncio de que teríamos sessões presenciais e uma peça a apresentar no São João deu esperança e motivação a muita gente. Quando os grupos foram divididos, algumas amizades sofreram com isso, mas outras se criaram e gerou-se até uma maior proximidade entre nós. Tem sido fantástico e sei que há mais pessoas que, como eu, sentem que é necessário ter o teatro nas nossas vidas. Estamos ansiosos mas felizes por podermos apresentar esta peça, sobretudo na nossa idade. Sempre que vou ver peças ao São João fico espantada e sempre quis fazer algo lá. A ideia de que vou mesmo lá estar é de outro mundo. *[risos]*

Em tempo de pandemia, em que há um excesso de real, o sair de si que está na base do teatro trouxe, mesmo no *online*, “o sonho de volta à cabeça das pessoas”, como se diz no espetáculo dos Sub-88. Parece-me que esse desejo de teatro permaneceu vivo em vocês, tornou-se até mais premente e materializa-se agora em palco.

RITA O teatro, para mim e para muitos de nós nos Sub-18, é o momento em que me sinto mais eu própria, porque, apesar de a personagem não ser eu, permite-me explorar e expressar outras partes de mim. O desejo de sermos nós próprios está sempre presente. O *online* trouxe reações contraditórias, de frustração e de esperança, porque precisávamos mesmo de voltar a ter teatro, mesmo que não fosse presencial.

PEDRO No início, o ensaio por Zoom permitiu às pessoas reveirem-se, perceber se todos estavam bem. E era um prazer imenso. Nos Sub-88, quando agora vamos ao teatro, vemos sempre alguém amigo ou combinamos ir juntos, e esse desejo fortaleceu-se aí. O Zoom veio responder a uma necessidade de normalidade, a uma vontade de continuar. Depois vieram os ensaios presenciais; agora, o desafio é ir para o palco do São João – loucura total! *[risos]* As expectativas estavam muito baixas durante o confinamento e tudo o que nos foi sendo dado foi ouro! A equipa do Centro Educativo é excecional, fez de tudo para que nada parasse e teria sido muito mais fácil tê-lo feito. Para muitas pessoas, foi mesmo muito importante.



Tendo em conta esse desejo de teatro que não deixaram esmoecer, Shakespeare assenta-vos bem como figura inspiradora. Como é que, do embate com os seus clássicos que primeiro vos foi proposto, se chega aos guiões cénicos dos espetáculos?

EMÍLIO A vantagem de Shakespeare é a intemporalidade da narrativa e das personagens e a possibilidade de as transportar para o nosso tempo. Nesta última fase, em ambos os Clubes, esse foi o objetivo, e nos Sub-88 criámos mesmo novas relações entre as personagens dos últimos atos das suas peças, em busca de uma outra dramaturgia. Shakespeare é sempre uma excelente base para uma formação em teatro. Quando estávamos *online*, estávamos em 2D. Os textos, embora ricos, não nos permitiam ainda uma versão 3D, de palco. Nos Sub-18, a partir de *Romeu e Julieta*, o desafio foi o de perceber o que é o amor para eles. Gostei muito dessa partilha. Shakespeare também nos obriga a isso. Os Sub-88 foram sempre trazendo propostas deles, sendo o texto sobretudo uma ferramenta para a cena. Como os grupos foram depois divididos e misturámos várias peças, estas novas relações entre as personagens teriam de aparecer. Nós, os formadores, também fomos indo de desafio em desafio, porque seria diferente se, por exemplo, fossem apenas dois grupos de 20 pessoas, em vez de quatro. Permitiria ter mais ensaios e descobrir mais cenas em conjunto. Acabou por ser quase como juntar quatro pequenas peças e construir uma única. As pessoas às vezes assustam-se com Shakespeare, porque acham que não vão entender, mas quando se analisa bem um texto seu percebemos as intenções, e a nível do trabalho de ator permite-nos trabalhar aquilo que está para além do texto.

RITA Quando soubemos que íamos trabalhar Shakespeare, ficámos assustados porque pensámos que seria um pouco arcaico e difícil de nos relacionarmos com as personagens, mas após a análise com o Emílio percebemos a intemporalidade da peça e que a podíamos transferir para o tempo de hoje. Tirou-nos o medo de Shakespeare e de explorar obras clássicas que nos podem parecer aborrecidas.

Shakespeare está em pano de fundo, mas a portugalidade é muito evidente nos textos. A dada altura, diz-se no guião dos Sub-88: “A portugalidade entra na pele e não sai, nem com pedra-pomes!” Por um lado, vocês construíram duas ficções em tom de fábula, mas através delas documentam e refletem sobre um tempo muito importante da nossa vida em comunidade.

PEDRO De uma forma planeada ou não, penso que se voltou um pouco ao início. Lembro-me de que em outubro de 2019, no TeCA, se falou num *Once Upon a Time no Autocarro*, para os Sub-88 [e num *Once Upon a Time na Cantina*, para os Sub-18]. Pensámos que eventualmente improvisaríamos cenas entre nós. Acabámos por voltar de alguma forma a isso, porque as personagens dos Sub-88 têm muito que ver com alter egos e com o que as pessoas têm para dar enquanto atores. As relações que existem no guião são as das personagens das peças do Shakespeare, mas depois foi-nos pedido que trabalhássemos em improvisações sobre, por exemplo, o Porto, os nossos segredos ou aquilo que nos entusiasma. Regressámos assim àquilo que cada um tem para oferecer ou descobre que tem e não sabia. São estas pessoas, neste tempo, e cada uma tem uma individualidade clara, não há grandes transformações artísticas.

NUNO M CARDOSO Shakespeare é aqui trabalhado com uma ideia de continuidade do que foi produzido em período de confinamento. E o que me interessou desenvolver foram as relações. As relações ficcionais e algo que passasse também pelos intérpretes. A relação direta com as experiências e as vivências de cada um. Trazer o pessoal (não o íntimo, que cada vez mais é explorado pelas plataformas digitais sociais) e a ideia de panótico, de “big brother” orwelliano, conjugada com a dos *media*, como forma de aceleração do conflito para sustentação da trama. A partir daí, criar a dramaturgia em vários pontos de conflito social, desde o mercado, o roubo como uma forma de corrupção de um sistema capitalista, até ao julgamento como manutenção desse mesmo sistema. E discutir o que é a “verdade” hoje.

Quando ao texto, ele não está fechado até passar pelo corpo. Nos ensaios, vi alguns atores a braços com o texto, a questionarem-no, e foi interessante presenciar isso em não profissionais.

RITA Depois das nossas improvisações, o Emílio escrevia um texto, mas esse texto passava por nós, fazíamos várias leituras, víamos como nos sentíamos dentro dele, como o incorporávamos, como é que ele saía de nós. O Emílio fazia alterações, e ainda faz, quando havia algo que não fazia sentido ou que não estava a encaixar.

EMÍLIO Todo este processo prende-se também com o meu gosto de trabalhar em *devising*, onde um grupo improvisa sob a direção de alguém, que, a partir dessas improvisações, constrói situações e um texto. Essa é a vantagem de termos escritores vivos e de estarmos a trabalhar em conjunto. Para mim, o mais importante não é o texto, é o resultado final em palco. Procurámos uma verosimilhança, o texto sentido no corpo, e como não estávamos propriamente a fazer Shakespeare, podíamos alterá-lo quando alguma coisa não nos parecia verosímil. No entanto, às vezes é preciso ser-se perseverante. Quando escrevo estes textos, sei que eles serão outra coisa quando forem ditos por outro corpo. E depois, como no texto dos Sub-18, sei que se usar expressões da minha adolescência, eles podem não as reconhecer, porque já não se diz assim...

RITA ...uma vez o Emílio usou uma expressão que ninguém compreendeu: “Queres namorar para mim?” [risos]

EMÍLIO Era assim que se dizia quando eu era jovem, porque se falava mal. [risos] É claro que mudámos essa expressão. Gosto do realismo e o Nuno M também, mas às vezes tenho tendência para o exagero e é bom encontrar um travão. Gosto muito de comédia e às vezes meto muitas *pérolas* nos textos, mas sei que depois essas piadas terão de ser retiradas porque prejudicam a ação. Essa conjugação com o Nuno M funciona bem, porque um centra o outro. Os Sub-18 trabalham muito bem esta aproximação a um texto contemporâneo. O mais difícil com eles foi manter o foco nos ensaios Zoom: como é que eu mantenho um grupo motivado e os ponho a mexer em frente a um computador? Era quase agonizante. Planeava os ensaios e às vezes as coisas corriam bem, outras vezes nem tanto... mas no palco também é assim. [risos]

NUNO Trabalhar o realismo é divertido, mas aqui interessou-me desviar-me disso. Antes de tudo, criar com as pessoas (especialistas da existência) e não com personagens ou com a sua construção. Procurar e identificar uma *persona*, construir a partir de si próprio e exercitar uma verosimilhança no discurso e na ação. E quando se parte do texto de outro é mais trabalhoso esse percurso. Daí a premissa da construção a partir de improvisações com discurso próprio.

Um aspeto de que gosto nos textos é o humor ou a ironia, que me pareceram ser mais naturalmente apreendidos em cena pelos Sub-18, talvez por serem mais próximos da vivência da adolescência.

EMÍLIO Já trabalhei com grupos de jovens e de adultos. Nos adultos, pode haver já uma opinião formada do que é o teatro, de como as coisas devem ser ditas, e eles têm mais dificuldade, sobretudo com um texto contemporâneo, em deixar de fazer teatro pela forma. Nos jovens, é mais fácil essa aproximação. Para alguns, até pode ser por se preocuparem menos, porque este excesso de pensar como fazer, em vez de fazer, é a dificuldade que temos na direção. Mas também é mais difícil escrever um texto para 35 pessoas do que para 13.

LUÍSA Neste tipo de trabalho, acho mais interessante, sobretudo com jovens e amadores em geral, aplicando-se por isso também aos Sub-88, que os textos partam de vivências deles, que eles colaborem na sua elaboração e o transformem: não estarem a dizer Shakespeare nas palavras de Shakespeare. Eles podem dizer Shakespeare, mas com as suas palavras. Acho que é mais justo para eles.

Foi fundamental para o ponto a que chegaram agora, cada um no seu ritmo, todo o trabalho feito no Zoom, com todos os atributos, bons e maus, desta plataforma. Fez todo o sentido o trabalho ter incidido sobre o texto. Isso permitiu-lhes, em setembro, pegar na proposta que lhes foi feita de “esquecer” as palavras de Shakespeare e de trabalhar a partir daí. Lembro-me dos primeiros ensaios com os grupos divididos e de como eles começaram a trabalhar as personagens de Shakespeare que lhes couberam em sorte no Zoom e que apresentaram no espetáculo *Romeu e Julieta no Café*. Eles não teriam chegado aí sem esse trabalho sobre o texto. Estava lá todo o *Romeu e Julieta*. E agora é fantástico o público poder assistir à peça *Amor em Tempo de Pandemia*, construída a partir das questões levantadas pela peça de Shakespeare.

Este processo tem sido marcado por uma grande resiliência, não apenas da equipa do Centro Educativo e dos orientadores, mas sobretudo dos participantes de todos os Clubes: eles são a razão de ser do nosso esforço. Percebemos pelo que os pais nos dizem que esta experiência é importante. Estamos a contribuir para o desenvolvimento de jovens, não estamos a formar atores. Isto vale igualmente para os Sub-88. É um desenvolvimento de competências e tem sido muito bonito assistir ao crescimento de todos eles nesta altura tão atípica. E também ver que, como público, eles sentem necessidade de vir aos espetáculos e de se encontrarem. Tem sido um processo muito gratificante, uma viagem que guardaremos na memória, apesar de todas as adversidades.